

MANIFESTAÇÕES PRO IMPEACHMENT ATRAVÉS DOS JORNAIS O ESTADO DO MARANHÃO E FOLHA DE SÃO PAULO*

Joyce Cristine Silva Lopes¹
Hellen Jéssica Sousa M Elo

Fernando Collor de Mello foi o primeiro presidente eleito pelo voto direto após o regime de ditadura empresarial militar. Período em que o país estava esperançoso de mudança e buscando um candidato ao pleito que atendesse as expectativas. Para tanto, Collor buscou na imprensa o meio necessário para conseguir o cargo de primeiro mandatário da nação. Era uma troca entre as partes, enquanto Fernando Collor dava notícia a imprensa por ser polêmico, enérgico e o seu ar jovial o transformava em um típico galã. Na verdade, Collor usou muito mais os seus conhecimentos de sua formação em comunicação do que seus conhecimentos políticos para ganhar a eleição em 1989. Também usava desse mecanismo para consolidar sua imagem de combatente do marajáismo².

Fernando Collor passa a moldar sua campanha de acordo com o que a massa esperava de um candidato. Era preciso mostrar a população que era o candidato que atendia as expectativas, então Collor começa a intensificar a aparição na imprensa, tanto em jornais quanto em revista de circulação nacional, como o candidato da modernidade e da jovialidade. Até mesmo no nome do partido criado por ele o PRN – Partido da renovação nacional, antigo PJ (partido da juventude). Levando em consideração que a população buscava naquele período um candidato que tivesse um passado exemplar, distanciado das práticas corruptas, nessa prerrogativa Fernando Collor não estava qualificado. O então candidato quando prefeito de alagoas participou de alguns casos que não foram bem explicados. Como quando no último dia na prefeitura de alagoas assina uma contratação de vários marajás. Ou ainda o acordo que assina com os usineiros que quebra o estado de alagoas³.

* Este trabalho faz parte do Núcleo de Pesquisa em História Contemporânea – NUPEHIC, financiado pela FAPEMA.

¹ Graduandas do curso de História Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão- UEMA. Trabalho orientado pela prof^a. Dr^a Monica Piccolo Almeida.

² Termo utilizado para designar a prática de contratar vários funcionários públicos para realizar uma mesma função

³ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Cia das letras, 1999, p. 133.

Com o apoio da mídia e uma campanha publicitária eficiente, Fernando Collor de Mello toma posse em março de 1990. No poder do Estado⁴ continua com a imagem de presidente jovem e esportista, moderno e carismático. No entanto, a chefia de um país vai além de uma imagem. O “fenômeno Collor” tinha um problema maior que o marajáismo para elucidar, a inflação. Para tanto cria o plano Collor, que consistia no confisco das contas poupanças e correntes. Nos primeiros meses a inflação foi controlada, mas voltou a subir, somando a isso começam a aparecer os primeiros escândalos envolvendo o já presidente.

O outro protagonista da história política narrada em 1992, o movimento estudantil do país, começa a levantar discussões contraditórias, há os estudiosos que acreditam que o movimento estudantil dos caras pintadas foi uma construção da mídia, como no artigo “*Os media e a construção dos caras pintadas*”, em que o autor procura discutir como os “Caras Pintadas” foram construídos, descritos e narrados pelos veículos de comunicação, com o intuito de transformar os assuntos relacionados à vida política do país em algo atrativo para o grande público. O autor, Thales Torres Quintão, atribui à mídia total responsabilidade sobre o movimento estudantil, segundo o mesmo “a mídia altera as práticas políticas”⁵. Nesse caso, a alteração foi de forma positiva uma vez que a população estava saturada com as práticas de corrupção do então governo. Era preciso uma moralização política. O que mostra a eficácia do discurso do caçador de marajás durante a sua campanha presidencial, uma vez que apostava na moralização política para ser eleito.

Já a autora de “*De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política*”, Ann Mische, defende que a participação política dos estudantes está relacionada aos meios em que estão inseridos, não acredita no ceticismo de atribuir o fenômeno dos caras pintadas somente à manipulação da mídia ou de partidos políticos⁶. Durante os primeiros anos de ditadura, as universidades foram os únicos centros de oposição visível e organizada, esse também é um ponto que diferencia as duas gerações de estudantes, os de 68 estavam restritos aos centros universitários, três décadas depois

⁴ A concepção de estado utilizado nesse trabalho é a de Antonio Gramsci, Estado ampliado que é o equilíbrio entre sociedade civil (conjunto de organizações responsáveis pela elaboração das ideologias) e sociedade política (Estado em sentido restrito ou estado coerção).

⁵ QUINTÃO, Thales Torres. **Os medias e a construção dos caras pintadas**. In. Revista Todavia, ano 1, nº 1, jul 2010, p. 103.

⁶ MISCHE, Ann. **De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política**. Tese de Doutorado defendida na New School for Social Research, Universidade de Columbia, 1997, p. 138.

os jovens enfrentam outra configuração, as universidades já não se constituem como centro de vida cultural e política juvenil. Ou seja, ser jovem vai além de ser estudante, esta também fora das universidades, abrangendo outros setores, no trabalho, nas casas noturnas, nos bairros e ruas, em outros centros de cultura e sociabilidade⁷. E isso fez como que a mobilização do movimento estudantil fosse tão abrangente durante as manifestações de agosto de 1992.

Movimento “Caras Pintadas” através dos jornais O Estado do Maranhão e Folha de São Paulo

Como já foi dito, a imprensa teve papel fundamental na ascensão e queda de Fernando Collor. Agindo dessa forma como aparelho privado de hegemonia, segundo Antonio Gramsci, que são os portadores materiais da sociedade civil, ou seja, organismos sociais coletivos voluntários e relativamente autônomos em face da sociedade política⁸. Entretanto, entre ascensão e o afastamento do presidente houve significativas mudanças na constituição da sociedade política, econômica e social do país durante os referidos anos do governo Fernando Collor de Mello (1990 a 1992).

Há que se destacar que o projeto que se torna hegemônico com a vitória de Fernando Collor é o de estruturação de poder e de representação de interesses de cunho liberal-corporativo que buscava legitimar seus interesses em um contexto de lutas sociais entre classes sob o signo das reformas defendidas pelo Consenso de Washington.

Desse modo, adotando o projeto neoliberal que via como causas para crise de acumulação capitalista a atuação do movimento sindical, os gastos sociais e as pressões por aumentos salariais⁹. Fernando Collor busca as soluções para tal crise, que vinha através a manutenção de um estado forte apenas no que se refere a sua capacidade de quebrar a espinha dorsal do movimento sindical e de controlar os gastos públicos; contração da emissão monetária; elevação das taxas de juros; redução dos impostos sobre os rendimentos altos; fim do controle sobre os fluxos financeiros; elevadas taxas de desemprego como forma de manter uma reserva de mão de obra barata e disponível a

⁷ Idem, p. 143.

⁸ COUTINHO, Carlos Nelson. Gramsci. **Um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro: campus, 1989, p. 77.

⁹ ANDERSON, Perry. **Balanço do neoliberalismo** In: **As Políticas Sociais e o Estado Democrático Pós-Neoliberalismo**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996, p. 10.

baixo custo; repressão às greves; construção de uma nova legislação sindical; programa de privatizações e, principalmente, redução dos gastos públicos¹⁰. Tais medidas seriam responsáveis pela resolução dos problemas políticos, econômicos e sociais do país.

Entretanto, não foram suficientes para satisfazer os anseios de mudanças desejados pela população. Somado o fracasso do plano Collor e os recorrentes escândalos políticos envolvendo o seu governo configurando assim a crise de hegemonia. Crise de hegemonia que ocorre, porque a classe dirigente fracassou em algum grande empreendimento político para o qual pediu ou impôs ou pediu pela força o consenso da grande massa que passam de subitamente da passividade política para certa atividade e apresentam uma revolução¹¹.

Nessa prerrogativa, o movimento estudantil conseguiu inflamar a população brasileira com seus ideais de mudanças. Agindo assim, como partido político, a célula na qual se sintetizam germes da vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais¹². Sem, contudo, deixar de considerar a imprensa e a oposição ao governo formada pelos partidos PMDB, PSDB e PT, formando o movimento contra hegemônico que culminou na crise de hegemonia, o impeachment.

As manifestações que tomaram o país durante os meses de agosto e setembro de 1992 foram movimentos sociais significativos durante o período, exigiam o impeachment e conseguiram reunir centenas de pessoas contra o Presidente. Através dos impressos do jornal O Estado do Maranhão, conseguimos perceber tais manifestações na capital do Estado, que não está inserida no centro político e administrativo do país, mas que nem por isso esteve isento de participação nesse apelo contra a corrupção e a favor da democracia. Além disso, através da análise do jornal de circulação nacional, O Folha de São Paulo, conseguimos comparar como o movimento ocorre em caráter nacional e em âmbito regional.

Analisando os jornais do mês de agosto, período em que as manifestações pro impeachment tomam o cenário político, em várias capitais brasileiras e viram manchetes através dos “Caras Pintadas”, consegue-se perceber que a adesão de pessoas ao movimento cresce proporcionalmente em relação às denúncias contra o presidente.

No livro “Notícias do Planalto: a Imprensa e Fernando Collor”, Mario Sergio Conti, se propôs a detalhar a relação da imprensa como Fernando Collor e seus aliados.

10 Idem, p. 11.

11 GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, vol. 4. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001, p. 60.

12 Idem, p. 16.

Mostrar como agiam os jornalistas e seus aliados e os laços estabelecidos com o poder político e as redações da grande imprensa. Durante a segunda parte do livro o autor narra uma conversa de Paulo Cesar com o eleito presidente sobre o dinheiro arrecadado durante a campanha, em que PC Farias diz a Collor que arrecadou 160 milhões de dólares e desses sobraram 60 milhões e pergunta o que deve fazer com o dinheiro, o presidente eleito pede para que o tesoureiro administre o dinheiro com os gastos durante o período de transição e guarde o resto para serem usados durante a eleição do ano seguinte, uma vez que, precisaria de uma bancada forte e de governadores que apoiassem o seu governo¹³.

Paulo Cesar administrou bem o dinheiro arrecadado, apenas entre março e agosto usou cheques de suas impressas para transferir boa parte do dinheiro para conta de pessoas próxima a Collor como sua ex-mulher e secretários, assessores, além de pagamento de despesas da casa do presidente.

Nessa conjuntura, narra como Paulo Cesar conseguiu arrecadar tanto. Que acontecia através de formação de clubes com três categorias de sócios “numa delas, composta de vinte empresários, pediria 1 milhão de dólares a cada um dos integrantes. A dez empresários pediria 3 milhões de dólares. De cada um dos cinco empresários (...) obteria 10 milhões de dólares¹⁴.

Desse modo, PC Farias estava envolto em sonegação de impostos, evasão de divisas e lavagem de dinheiro. Foram essas as denúncias que Pedro Collor fez a grande imprensa em maio de 1992 e que marcam o começo dos movimentos contra hegemônicos, as recorrentes denúncias de corrupção, de lavagem de dinheiro e envolvimento com PC farias que começam a acontecer através da mídia, um aparelho privado de hegemonia.

No jornal Folha de São Paulo de 10 de agosto de 1992, na manchete “*PF decide citar Collor no inquérito sobre PC, polícia também interroga em São Paulo a secretária Ana Acioli.*” fica claro a suspeita de veracidade das denúncias, já que, a polícia federal tem em mão os cheques fantasmas recebidos por Collor para pagamento de suas despesas por seu ex- tesoureiro de campanha. E no depoimento, a secretária, que também teve depositado em sua conta dinheiro ilegal, mostra cópia de contratos na intenção de defender e provar que Collor não tinha envolvimento e nem precisava que Paulo Cesar faria pagasse suas despesas.

¹³ CONTI, op. cit., p. 294.

¹⁴ Idem, p. 289.

Vale ressaltar que a relação de Collor com O Folha de São Paulo sempre fora uma questão conturbada. Durante a campanha a folha fez algumas denúncias e críticas ao candidato, que quando eleito, mandou a polícia federal invadir o prédio do jornal. Essa guerra fica bem clara quando se faz uma análise dos jornais do mês de agosto, quando as manifestações caminham junto aos esclarecimentos da comissão parlamentar de inquérito.

No dia 12 de agosto de 1992, O Folha de São Paulo, noticia “*Governo tenta barrar relatório da CPI, passeata organizada por estudantes em São Paulo reúne mais de 10 mil a favor do impeachment*”, nessa matéria aparece uma discordância de dados. Enquanto os organizadores do movimento dizem que o movimento reuniu 20 mil pessoas a polícia militar diz que o ato reuniu apenas 10 mil pessoas. Na matéria também aparecem às primeiras fotos de estudantes com os rostos pintados.

Depois dessa manifestação, que gerou surpresas e discussões, sobre a crise política que se instaurava no país, Collor faz um chamado para que a população saia às ruas demonstrando apoio ao governo, como pode ser identificado na publicação da Folha de São Paulo intitulada “*Aos berros, Collor pede que o Brasil use verde-amarelo*”¹⁵

No dia 15 de agosto de 1992, depois do pedido de Collor, o Folha intima a população a usar preto e faz uma tentativa de mostrar os dois lados, abaixo da frase “*Use preto em protesto*” o jornal mostra uma senhora que apoia Collor segurando uma foto do presidente e que afirma que também colecionava foto de Sarney. O interessante nesse ponto é que a dona Maria de Fátima Moreira, disse que gostava de Sarney, no entanto votou em Collor que fazia críticas ferozes ao governo de ex-presidente Sarney durante sua campanha. Do lado da foto da senhora, há ainda a frase de um funcionário da Caixa Econômica Federal, Rubens Paiva filho que diz “*Collor pediu um domingo colorido e eu trouxe uma sexta feira negra para ele*”¹⁶, em protesto na frente do planalto.

Nessa mesma edição a manchete “*Rio faz maior ato pelo impeachment; Collor usa Caixa na guerra das cores*”, o ato no Rio de Janeiro aconteceu no dia 14 de agosto e reuniu entorno de 25 mil a 50 mil pessoas, já a polícia militar falava em apenas 10 mil pessoas.

¹⁵ Folha de São Paulo, São Paulo, 14/08/1992, pág?
¹⁶ Folha de São Paulo, São Paulo, 14/08/1992, pág?

Para tentar impedir o fracasso da operação verde- amarelo o governo usa recursos públicos. A Caixa determinou que suas agências sejam enfeitadas com as bandeiras, e que os clientes sejam presenteados com brindes nas cores nacionais. Essas atitudes de Collor só mostram o desespero que começa a se instaurar no governo¹⁷.

No que diz respeito às manifestações pro impeachment na capital maranhense o jornal O Estado do Maranhão noticia a primeira manifestação na capital em matéria do dia 18 de agosto de 1992 com o título “*Maranhense saiu às ruas para pedir o afastamento de Collor.*” O jornal aponta para a quantidade de manifestantes, três mil pessoas reunidas na praça Deodoro para sair em caminhada pelas ruas do centro pedindo o afastamento do presidente.

O presidente Collor quis medir forças e perdeu. Em São Luís os únicos a hastearem bandeiras nacionais foram os gerentes da caixa econômica e do banco do Brasil.(...) na capital maranhense as cores preferidas pela população foram o preto e o vermelho em repúdio a corrupção que envolve o Presidente da República¹⁸.

Essa foi a primeira manifestação na capital após os trabalhos da CPI a respeito das falcatruas do governo levarem os estudantes da cidade de São Paulo para as ruas em 11 de agosto de 1992. Em decorrência disso, o então presidente convocou os brasileiros para no domingo seguinte ostentarem o verde e amarelo.

Entretanto, como ficou claro na reportagem acima, a população sai as ruas de preto em sinal de contrariedade ao pedido do presidente. Outro ponto particular da reportagem esta relacionada ao fato dos gerentes do Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal cederem ao pedido do presidente, no entanto na edição de 21 de agosto de 1992, o jornal noticia: “*Protestos atingem Collor em SL*”, na referida matéria aponta para uma nova manifestação organizada pelos funcionários da Caixa Econômica e do Banco do Brasil junto com lideranças do Partido dos Trabalhadores- PT¹⁹. O fato noticiado demonstra o quanto a oposição do governo estava empenhada em consolidar a crise hegemônica do Governo Collor.

No dia 22 de agosto de 1992 com a matéria “*Passeata pede saída de Collor*”²⁰, o jornal mostra que essa nova passeata foi organizada pelos sindicatos dos trabalhadores

¹⁷ Folha de São Paulo, São Luís, 14/08/1992, pág?

¹⁸ O Estado do Maranhão, São Luís, 18/08/1992, pág?

¹⁹ O Estado do Maranhão, São Luís, 21/08/1992, pág?

²⁰ O Estado do Maranhão, São Luís, 22/08/1992, pág?

na indústria da construção civil mais 21 entidades de classe. O que mostra que a insatisfação com o governo estava instaurada em diferentes ramos sociais, embora os estudantes estivessem a frente dos primeiros movimentos, outras categorias sociais foram aderindo. Transformando o movimento contra Collor em um ato solidificado contra a falta de ética e a favor da democracia.

(...) com trajas pretas na cabeça e várias faixas de protesto, os trabalhadores foram às ruas em passeata pedir o impeachment. Os trabalhadores exigem que a CPI faça justiça. Para o presidente do sindicato dos trabalhadores cíveis, Lourival Fernandes, os operários estão sendo prejudicados pela política recessiva adotada por Collor (...) a manifestação só mostra o pouco conforto que o presidente Fernando Collor pode oferecer a população Brasileira²¹.

No trecho acima fica evidenciado que as medidas adotadas por Collor no intuito de conter a inflação e a crise não foram suficientes. Além da ineficiência de instrumentos da política econômica como o congelamento de preços que se mostrou ineficaz se mantido por um longo período, sobre tudo, se houver a expectativa de volta da inflação. Há ainda as implicações das relações econômicas internacionais, no que diz respeito ao pagamento da dívida externa que dependem da integração entre o Brasil e seus credores. Há que se citar ainda, as demandas sociais que decorrem da carência da camada mais pobre, que por consequência impõem a necessidade de gastos que dificultam o controle das contas públicas. Já as limitações político- institucionais estão relacionadas sobre tudo, com a necessidade de negociar com grupos de oposição e as restrições legais do poder Executivo²².

Ao longo do seu governo Fernando Collor, busca fazer tais implementações para logra êxito na sua luta contra a inflação e conseguir a retomada do crescimento. Entretanto, suas medidas em decorrência da falta de apoio político foram demoradas e as polêmicas em torno de seu governo só aumentavam.

Para Skidmore, no texto "a queda de Collor: uma perspectiva histórica", a crise enfrentada sem sucesso pelo Presidente é decorrência da falta de capacidade de persuasão democrática, falta de negociação em decorrência da personalidade arrogante de Collor além da falta de apoio do congresso. Mesmo levando em consideração os

²¹ O Estado do Maranhão, São Luís, 22/08/1992, pág?

²² PAIVA, Paulo. *Colloreconomics*. In: FARO, Clovis de (org.). *Plano Collor: avaliações e perspectiva*. Rio de Janeiro: livros técnicos, 1990, p. 41-42.

fatores ambientais e institucionais, não teria havido impeachment se não fosse pela falta de atributos pessoais do então Presidente²³.

Em contra partida, não se pode levar em consideração apenas esse aspecto, a personalidade de Fernando Collor como fator principal para a crise de hegemonia, as manchetes encontradas nos dois jornais em análises apontam para a falta de apoio social associado a situação de crise em que o país estava envolto, mas também mostram a tentativa de Collor no intuito de manter negociações com o Congresso e de tentar a formação de uma base de apoio mais sólida, que ocorre quando o mesmo faz as reformas ministeriais. No entanto, essas atitudes não foram suficientes para alavancar o carisma de Collor e manter o apoio popular.

Para Brasílio Sallum Junior e Guilherme Stolle, no texto "*O impeachment do presidente Collor: a literatura e o processo*," após mostrar a literatura que trata sobre o impeachment, que mostram como causa a personalidade, a base sociocultural e a base política partidária fraca, os autores defendem um estudo que relacionem além dos fatores citados, um quadro de fatores levando em consideração a dinâmica social das instituições políticas. Sem deixar de lado a coalizão político-democrática estabelecida pelo centro e direita (PMDB, PSDB, e PT) como núcleo motor do processo de afastamento²⁴.

Os vários trabalhos em torno do tema, ligados a ciências sociais, se debruçam sobre o tema recorrendo a diversos fatores, muito embora sem da significativa importância à corrupção como fator fundamental. Tendo em vista que, as manifestações pró impeachment eram especificamente contra a corrupção instaurada no governo, sobre tudo na figura do então presidente.

A autora Barbara Geddrs no texto "*Fontes institucionais da corrupção no Brasil*", faz o mapeamento da corrupção, identifica as características do sistema político que aumentaram os benefícios decorrentes das práticas corruptas e as mudanças que ocorreram na prática da corrupção brasileira, além de identificar os fatores sistemáticos que tornaram essas mudanças possíveis²⁵.

²³ (SKIDMORE, 2000, p. 30-34) – NÃO CONSTA NA BIBLIOGRAFIA

²⁴ SALLUM, Brasílio. *Labirintos. Dos generais à Nova República*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 163.

²⁵ GEDDRS, Barbara. *Fontes institucionais da corrupção no Brasil*. In: ROSENN, KS.; DOWNES, R. (orgs) *Corrupção e reforma política no Brasil: o impacto do impeachment de Collor*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, p. 10-12.

Para a autora foi às mudanças na legislação eleitoral e na constituição que aumentaram a probabilidade de corrupção, isso porque, diminuíram a capacidade do Executivo para forjar coalizões estáveis e assegurar a fidelidade de seus seguidores no congresso favorecendo práticas corruptas e clientelistas²⁶.

Diante do desgaste do governo a grande imprensa teve que rever suas posições de apoio ao presidente. Mas isso acontece de maneira lenta e gradual, até o início de 1992, as denúncias de corrupção e as críticas à política econômica eram ofuscadas nos noticiários por aparições do presidente aviador, carateca e motoqueiro. No entanto, com o agravamento das denúncias confirmadas por Pedro Collor os grandes veículos de comunicação nacionais começam a adotar postura cada vez mais críticas.

Desse modo a oposição ao governo começa a ver a possibilidade de movimento contra hegemônico muito mais abrangente, com a criticidade da mídia somada ao movimento Estudantil mobilizando estudantes e outras camadas sociais ao longo do movimento, conseguindo assim maior apoio popular. Os “Caras Pintadas” traziam além de cor as páginas dos jornais, mostravam também a indignação da população referente à situação. A política nacional virou um espetáculo onde os papéis de mocinhos e vilões estavam já bem definidos, depois de reviravoltas. Assim como em uma trama televisiva. A cada dia era um novo capítulo nas páginas dos jornais.

No dia 27 de agosto, no jornal O Estado do Maranhão, “*Jovens não espera acontecer*”, a matéria enfatiza a grande quantidade de jovens nas ruas contra a figura maior da política nacional. Destaca que os jovens que encabeçam as manifestações possuem em sua maioria 18 anos e não vivenciaram o período conturbado da política nacional durante a ditadura.

(...) a maioria dos estudantes que lideram as passeatas não passam dos 18 anos, mas bradavam firme a música de Geraldo Vandré, ‘ para não dizer que não falei das flores’ hino de jovens da época da ditadura, tempo em que nenhum dos manifestantes viveram. Mas eles entendem que ‘esperar não é saber, quem sabe faz a hora é não espera acontecer’²⁷.

²⁶ Idem, p. 14.

²⁷ O Estado do Maranhão, São Luís, 27/08/1992.

Nessa mesma matéria O Estado do Maranhão, faz relação dos manifestantes com a minissérie anos rebeldes²⁸ que estava sendo exibida na rede globo de televisão. Mesma relação que o Folha de São Paulo fez em matéria do dia 12 de agosto:

Quando se imaginava que os anos rebeldes estavam confinados a um enredo de minissérie, uma nova geração estudantil superou a ficção e decidiu caminhar novamente contra o vento. Ao som de “alegria, alegria”, os novos ‘teens’ da rebeldia deram as caras ontem em São Paulo - agora pintadas para a guerra²⁹.

O que de particular existe entre o movimento estudantil de 1992 e os anteriores é que, enquanto as mobilizações anteriores foram conduzidas num campo político polarizado entre o Estado Militar e a oposição estudantil, os "Caras Pintadas" foram atores privilegiados em ampla mobilização da sociedade civil e política contra o governo Collor.

As manifestações pró impeachment se estenderam até o dia do julgamento, uma pesquisa feita pela Datafolha publicada em 16 de agosto, ocorrida em 11 capitais do país revelou que a grande maioria da população, cerca de 70% queria que o congresso nacional aprovasse o impeachment³⁰. Nesse momento, nem o carisma, nem a popularidade de Fernando Affonso Collor de Mello eram mais os mesmos, em nada lembrava o candidato, carismático, jovem e confiante de 1989.

O movimento estudantil, diferente de três décadas atrás, em 1992 conseguiu inflamar a população brasileira com suas ideias de mudanças. E usou contra Fernando Collor as armas do jogo que ele mesmo criou, a cartada moralizadora, que Collor tanto exaltou durante a campanha a presidência em 1989, fora usada contra ele. Assim como os meios de comunicação, com quem mantinha relação direta. Juntaram-se ao movimento estudantil e junto formaram o movimento contra hegemônico que culminou na crise de hegemonia, o impeachment. A nação brasileira depositou em Fernando Affonso Collor de Mello, a esperança de renovação e democratização. Como as expectativas não foram alcançadas, nada mais justo que a massa, através do movimento estudantil e da oposição ao governo, que foram capazes de organizar a vontade coletiva,

²⁸ Minissérie exibida na rede globo em 14/07 a 14/08 de 1992. A trama é ambientada no rio de janeiro, no período compreendido entre os anos de 1964 e 1979, sob a ditadura militar. A minissérie aborda o conflito entre individualismo e consciência de classe.

²⁹ Folha de São Paulo, 12/08/1992, pág?

³⁰ Folha de São Paulo, São Paulo, 16/08/92, pág?

retira do poder o primeiro presidente eleito pelo voto direto após o regime de ditadura empresarial militar.

Considerações finais

A conjuntura política de um país pós-ditadura pedia um candidato com discurso de renovação, de democratização, que conseguisse o apoio popular e para renovar a esperança de um povo já cansado dos desmandos, dos escândalos e dos confrontos. Esse candidato deveria ser carismático, jovem, corajoso e ter um passado limpo ou mesmo um passado que não fosse conhecido pelo grande público.

O candidato que conseguiu melhor se enquadrar nesse perfil foi Fernando Collor de Mello. Com o discurso de moralização, de modernização de combate aos marajás, e o passado de corrupção que era conhecido apenas em alagoas, tais motivos somados ao apoio da mídia que ignorou ou escândalos do governo Collor na prefeitura de alagoas e focou no carisma do candidato, e na sua jovialidade, Collor consegue chegar à presidência da república como um fenômeno.

Todavia, a massa popular que fez o seu papel e elegeu o seu presidente, foi às ruas exigir o afastamento de Collor, exercendo de fato a cidadania e a participação política que vai além de apenas votar. Cobrar de seus dirigentes também e de suma importância para se manter a democracia de um país.

Durante 1992, as condições e relações sócias eram diferentes e a geração “shopping Center” surpreendeu o país a liderar o movimento que desencadearia a saída do presidente do cargo de primeiro mandatário da nação. E faz com que pensadores de várias áreas, tanto historiadores, cientistas políticos ou sociólogos da educação, comecem a levantar questões sobre a participação dos jovens na vida política do país.

Entretanto essas inquietações ficam restritas a análises através de Estados centrais, como é o caso do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, o referido trabalho se propôs a apresentar a visão comparativa entre um jornal de circulação nacional e um de circulação Estadual para que se possa identificar como o movimento pro impeachment de Fernando Collor aconteceu no Estado.

Fazendo o estudo das matérias relacionadas acima, consegue-se perceber que o movimento na capital maranhense acontece em menor proporção em comparação às demais capitais. No entanto, o número de pessoas que as manifestações conseguiram

reunir durante esse período é algo significativo. Na primeira manifestação dia 18, 3 mil pessoas nas ruas da capital, e as seguintes que se estenderam até a apresentação do relatório final da comissão parlamentar de inquérito e julgamento de Collor o número de manifestantes subia gradativamente. Em vigília para assistir o julgamento eram mais de 20 mil pessoas no centro da capital sem contar as pessoas espalhadas em vigília em outros bairros.

Tais fatos mostram o quanto solidificado foi o movimento contra hegemônico do Governo Fernando Collor de Mello e o quanto o processo de Redemocratização do país ainda era instável e inconcluso.